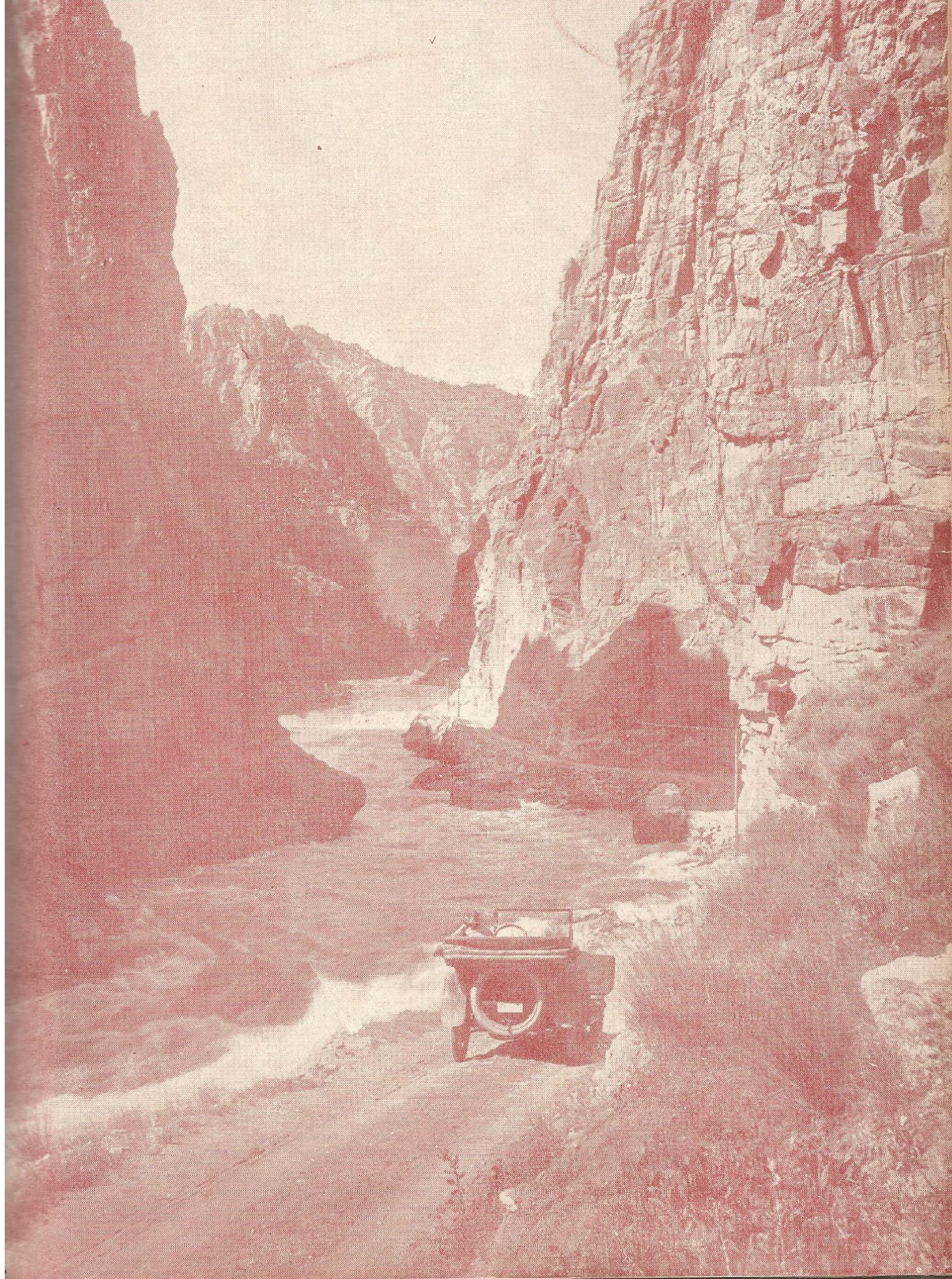
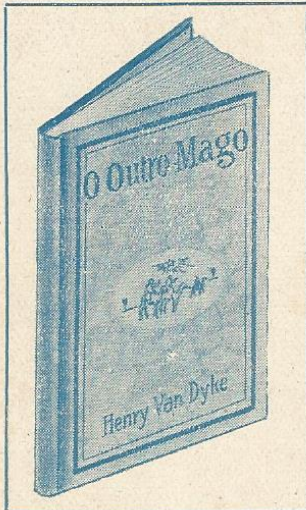


BEM-TE-VI

NOVEMBRO, 1923





UMA VIAGEM DE TRINTA E TRES ANNOS

Todas as crianças gostam de dar passeios, fazer excursões e viagens. E' tão bom ver campos novos, cidades desconhecidas, ruas nunca vistas, jardins bonitos, palacios e edificios bellos! Não ha quem não goste de viajar, quer seja adulto, quer criança.

Alguns desses passeios duram horas, dias, mezes e ás vezes um anno. Mas no tempo em que Jesus Christo esteve aqui na terra, houve um homem que viajou por paizes desconhecidos durante trinta e trez annos! Quantas cousas interessantes elle viu, e quanto bem praticou!

Hoje em dia os passeios são feitos de bonde, de automovel, de trem, de navios e até ha gente que se atreve a andar de aeroplano.

O homem, que mencionei acima, fez a sua longa viagem no dorso de um camello. Naquelles tempos, era um dos modos mais communs de viajar. Ninguem podia imaginar cousas tão admiraveis como bondes, automoveis, trens, e muito menos um aeroplano.

"Mas porque viajou durante tanto tempo?" perguntarão os leitores. Porque estava procurando uma pessoa. Levou trinta e tres annos viajando por paizes desconhecidos á procura de um homem! Que perseverança! A's vezes, mamãe pede á sua filha que procure algum objecto; ella remexe tudo, põe tudo em desordem, e, desanimada, abandona a pesquisa e, geralmente, a propria mãe tem de achar o objecto. Que diria esse homem da falta de perseverança de taes pessoas?

"E elle achou o homem?" ouço algumas crianças perguntarem anciosas. Sim, quem procura, sempre acha. Não se lembram daquellas palavras: "Buscae e achareis"?

Si vocês querem saber quem foi esse homem admiravel que partiu da Persia, foi á Palestina e a outros lugares bonitos e interessantes, e que viajou trinta e tres annos á procura de uma pessoa, devem ler o livro chamado "O Outro Mago", que se vende na Imprensa Methodistista por apenas 2\$500. E' um livro muito interessante e proprio para presente de Natal, pois é uma historia que se relaciona com o nascimento de Jesus Christo.

BEM-TE-VI

EDITADO PELA IMPRENSA METHODISTA, RUA DA LIBERDADE, 117

REDACTORA — L. F. EPPS.

ANNO I :: N. 11
REVISTA MENSAL

São Paulo-Brasil, Novembro 1923

ASSIGNATURA
ANNUAL. . . 5\$000

O MENINO IMPERADOR

—Oh titio! porque é que hoje a cidade está toda embandeirada e os soldados estão com a roupa de gala? perguntou Sylvio, um menino de dez annos que chegára do sertão, ha pouco tempo, para visitar os parentes na capital do Brasil.

—Porque hoje é um grande feriado nacional. Ha 34 annos, no dia 15 de novembro, foi proclamada a Republica neste paiz, respondeu o tio.

—Que é Republica?

—E' a forma de governo, em que um paiz é governado por homens escolhidos pelo povo. Aqui no Brasil houve uma revolta e um marechal chamado Deodoro da Fonseca proclamou a Republica e estabeleceu um governo provisorio, sendo elle o chefe.

—Que era o Brasil antes de ser Republica?

—Era um imperio. O imperador daquelle tempo era D. Pedro II, que foi corôado quando tinha apenas quinze annos. Era um menino muito intelligente e que recebeu boa instrucção. Foi um imperador muito bom, nobre e liberal. Durante o seu governo, acabou com as guerras civis, construiu as primeiras estradas de ferro e as primei-

ras linhas telegraphicas, prohibiu o trafico africano e espalhhou instrucção pelo povo.

Quando já estava velho e doente, pensou em abdicar o throno em favor de sua filha. Nessa occasião foi proclamada a Republica e D. Pedro foi banido do Brasil, com toda a sua familia. Sentiu muito deixar este paiz, pois tinha grande amor por elle. Como desejava ser enterrado em solo brasileiro, levou comsigo uns punhados de terra para serem depositados na sua cova.

—E elle nunca mais voltou ao Brasil?

—Não, mas durante alguns annos o governo brasileiro solicitou á familia real que permittisse a trasladação dos restos mortaes do imperador e de sua esposa para o Brasil.

Por algum tem-

po os membros da familia real não quiseram consentir, mas afinal, accederam ao pedido dos brasileiros. Então o governo mandou o couraçado São Paulo buscar os restos mortaes dos imperadores, que se acham actualmente no paiz que D. Pedro II tanto amou. Deste modo, os brasileiros demonstraram a sua apreciação por tudo quanto o imperador fez pelo Brasil.

SAUDAÇÃO

Quero tambem tomar parte
Nesta festa; quero erguer
Um viva ao Brasil: saudar-te
Solo que me viste nascer!
Em versos mesmo sem arte
Cheio de vivo prazer,
Patria, tambem quero dar-te
As explosões do meu ser.
Desta minh'alma innocente
Quero abrir o aureo batente
Mostrar-te o meu coração.
Salve terra estremecida
Berço da luz e da vida!
Eis a minha Saudação.

UM JOGO DE "BASKET-BALL"

Collegio Isabella Hendrix
versus Collegio Baptista.

Realizou-se no dia 15 de junho, no campo de foot-ball do America, uma grandiosa festa desportiva, em que tomou parte a distincta mocidade academica de Bello Horizonte e em que se salientaram dois conceituados collegios americanos.

Antes do dia deste grande festival, uma Commissão da Escola de Engenharia pediu á directoria do Collegio Isabella Hendrix que permittisse algumas alumnas deste collegio jogarem com as do Collegio Baptista, em disputa de uma preciosa taça que seria offerecida ao "team" vencedor.

Anciosas esperavamos por aquelle dia de jubilo, sempre com esperança de jogar o melhor possível para honrar o nosso collegio.

Dirigimo-nos para o campo no auge da alegria; alli fomos mui bem recebidas e apreciámos os diversos jogos athleticos e corridas de varias especies.

Fomos immediatamente cumprimentar as nossas adversarias que nos receberam com uma gentileza incomparavel. Entrámos no campo onde se realizaria o grande encontro entre os dois "teams". Jogámos numa hora aprazivel, o que muito nos animava.

Era optimo o local, grammado, evitando assim que nos machucassemos. Era grande a influencia do pessoal que jogava, pois a cada goal que faziamos, ouviam-se estrondosos applausos do pu-



PASSARINHOS

A um passarinho que andava
Cantando pelo jardim,
Foi perguntar Elizinha:
"Quem é que te cuida assim?"

Onde achas doce alimento,
Cousas nutritivas, sãs?"
"Tenho bichinhos gostosos,
Figos, laranjas, romãs!"

"E quando estás fatigado,
Onde é que vaes descansar?"
"Qual de nós não tem seu ninho?
Nosso ninho é nosso lar".

"E sêde, não sentes nunca?"
"Tenho rio e ribeirão
E gottinhas de sereno,
Que as folhas verdes me dão".

"E no inverno não te falta
Agasalho contra o frio?"
"Tenho pennas que me cobrem,
Tenho agasalho macio".

"E quando não ha bichinhos,
Grãos e fructinhas não ha?"
"Ha uma boa criancinha
Que pão e alpiste me dá".

(Poesias Selectas).



blico, reanimando as jogadoras. Os jovens academicos torciam fortemente, anciosos, na expectativa da victoria, que não sabiam a quem caberia.

Muito apreciámos a camaradagem de nossas adversarias, que jogaram com a maior delicadeza, evitando que fossemos, sequer, levemente offendidas.

A torcida não podia ser mais forte.

Exgotta-se o tempo e é garbosamente applaudida a victoria final do team do Collegio Isabella Hendrix.

Foi-nos offerecida uma bella taça acompanhada de um brilhante discurso pronunciado pelo talentoso estudante, Sr. Mario de Mello.

Gercy Passos.

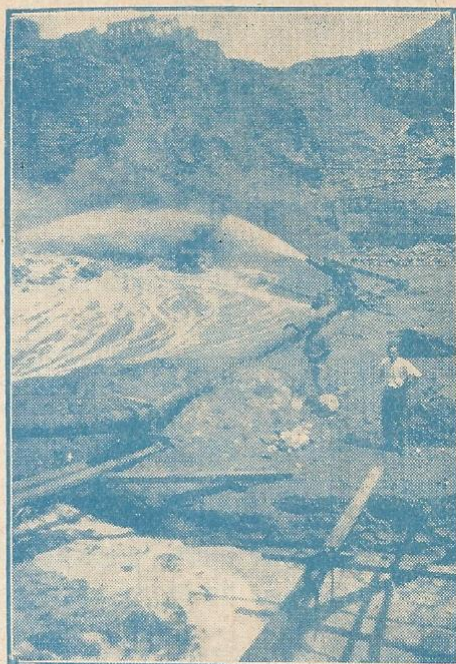
Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi".

UMA RECOMPENSA DOCE

Todos os que moram na cidade do Rio de Janeiro e aqueles que a têm visitado conhecem o Morro do Castello. Milhares de pessoas do Brasil e de outros países têm ido á Capital do Brasil para ver a Exposição do Centenario, de que uma das cousas mais interessantes foi o desmoronamento do Morro do Castello. Dia a dia, vae sendo desmoronado por um simples repuxo de agua.

A redactora do "Bem-Te-Vi" pediu ás alumnas do Collegio Bennett, na cidade do Rio de Janeiro, que escrevessem alguma coisa interessante a respeito deste Morro para os outros amiguinhos do "Bem-Te-Vi".

Tres alumnas, depois de muito trabalho, arranjaram o historico do Morro e factos sobre o seu desmoronamento, o que sae neste numero do "Bem-Te-Vi". A essas tres alumnas, a redactora, muito agradecida, manda hoje uma caixa de finas balas de chocolate. E espera que ellas apreciarão tanto essas balas quanto nós apreciámos os factos interessantes sobre este morro historico.



"Agua molle em pedra dura
Tanto bate até que fura."



O Morro do Castello na Cidade do Rio de Janeiro

1. Em que anno houve uma grande tentativa para o arrazamento do Morro do Castello?

Foi no anno de 1791, quando se achava no Brasil como Vice-Rei o Conde de Rezende.

2. Quem fincou, segundo a tradição, o marco da fundação da cidade no alto do Morro do Castello?

A tradição nos conta que foi Salvador Corrêa de Sá quem fincou o marco da fundação da cidade.

3. Quaes foram os outros nomes que já possuiu o Morro do Castello?

Morro da Sé, Morro de São Sebastião e Morro do Descanso.

4. De que madeira é feita a urna que contém os despojos mortaes de Estacio de Sá?

A urna de Estacio de Sá é feita de pau Brasil.

5. Qual era a altura do Morro do Castello?

A altitude do Morro do Castello era de 62 metros.

6. Em que seculo foi levantada a antiga igreja dos frades Capuchinhos, denominada São Sebastião? Para que serviu?

A Igreja de São Sebastião foi levantada no correr do seculo XVI e serviu por muito tempo de cathedral do Rio de Janeiro.

7. Onde estavam recolhidos os restos mortaes do fundador da cidade do Rio de Janeiro? Depois de demolido o Morro, onde os puzeram?

Os restos mortaes de Estacio de Sá estavam recolhidos na antiga cathedral de São Sebastião; após o arrazamento do Morro as cinzas de Estacio de Sá, foram depositadas no convento da Ajuda, á rua Conde de Bomfim, 282.

8. Que poeta appellidado "O poeta Lagartixa" morou no Morro do Castello?

Foi Laurindo Rabello, que por esta occasião se achava em estado de absoluta pobreza, o poeta que morou no Morro do Castello.

9. Em que occasião teriam os jesuitas escondido os seus preciosos thesouros?

Conta-se que os Jesuitas esconderam os seus thesouros quando o Marquez de Pombal os expulsou do Rio.

10. Que ganha a cidade do Rio com o desmoronamento do Morro do Castello?

O Morro do Castello é um obstaculo ás brisas que sopram na bahia em direcção á Avenida.

A area occupada pelo Morro está no centro commercial da cidade do Rio e

a remoção deste, dará lugar para edificios importantes que muito valorizam esta parte da cidade.

11. Quem está dirigindo os trabalhos para o desmoronamento do Morro do Castello?

Dr. Leonard Kennedy, um engenheiro norte-americano, está encarregado deste importante empreendimento.

12. Por que modo está sendo o Morro arrazado e que fim estão dando á terra tirada?

O Morro do Castello está sendo arrazado por machinas tendo um siphão, seis pás de ferro movidas a vapor, e um equipamento hydraulico. A terra tirada será utilizada para aterrar uma distancia de uns 1.000 metros de comprimento e uns 300 metros de largura, começando no meio do terreno da Exposição até á ponta formada pelo Morro da Gloria. Parte deste aterro auxiliará o commercio do porto e a restante será embelezada com um parque. Vae ser construido um boulevard beirando o novo caes, tendo por comprimento um e tres quintos de kilometro.

Servindo Uns aos Outros

Helena estava passeando na cidade de São Paulo, num bello sabbado de primavera, quando de repente estacou deante de uma vitrina onde estava exposto um quadro.

"Que vista linda!" pensou ella. "Como eu havia de gostar de ver essa paisagem!" Por alguns minutos, Helena contemplou embevecida o quadro. Depois, com um suspiro, continuou o seu caminho.

Já estava bem longe, quando subitamente parou: "Oh! como aquella vista ficaria bem na capa do nosso "Bem-Te-Vi"! Si o homem m'a emprestasse..."

Voltando-se dirigiu-se para a casa onde vira o quadro. Chegando lá, armouse de coragem, e falou com o dono da casa. Elle foi mui gentil e emprestou-

lhe o quadro afim de ser tirado uma copia para o "Bem-Te-Vi".

Queremos agradecer a gentileza do dono do quadro em emprestar a vista, e a boa lembrança da amiguinha do "Bem-Te-Vi" em arranjar uma capa tão linda para nossa revista. Achamos a vista mui bella; ella representa um lindo caminho entre os montes Rochosos, nos Estados Unidos. Qual é o amiguinho que não gostaria de estar naquella automovel para ver aquella linda paisagem?

Apreciamos muito o interesse que os amiguinhos do "Bem-Te-Vi" têm revelado por nossa pequena revista, enviando-nos contos e gravuras, e esperamos receber mais figuras proprias para as capas do "Bem-Te-Vi".

Queridos Amiguinhos:

Muitos de vocês ainda são pequenos, outros são maiores, mas eu desejava saber quaes são os que gostam de cousas velhas. Quantos gostam de ver as cousas que vovó ainda tem dos seus tempos de moça? Quantos têm prazer em visitar castellos velhos e ver figuras dos tempos antigos? Pois neste numero do "Bem-Te-Vi", pôdem ler uma historia que se deu na China ha quasi 2.000 annos passados. Esta historia chinesa revela a antiga crença dos chinezes no *Deus do Rio*. Todos os prejuizos causados pelas inundações eram attribuidos a este deus. Depois, com a construcção de diques e canaes, desapareceram as inundações e a crença no *Deus do Rio* foi desmentida.

Esta historia interessante está dividida em tres partes. A primeira sáe neste numero do "Bem-Te-Vi", e as outras sahirão nos dois seguintes.

Esperando que vocês apreciem muito esta historia antiga, subscrevo-me sua amiga
Leila F. Epps.



O CASAMENTO DO DEUS DO RIO

(Uma antiga historia da China)

Capitulo I

Nang Po ainda era criança, quando aprendeu tudo a respeito da cerimonia annual do casamento do Deus do Rio. Era bem interessante ver as bellas lampadas, ouvir a musica e assistir ao esplendido banquete. Elle nunca pôde esquecer, porém, os gritos terriveis das

moças, quando eram jogadas ao rio, tornando-se desse modo as noivas do Deus do Rio. Embora tivesse muito respeito por seu pae, não pôde abster-se de perguntar porque o Deus do Rio precisava de doze noivas todos os annos, e porque eram sempre escolhidas as mais bellas. Tambem reparava que quasi sempre eram moças das familias mais pobres.

O pae de Nang Po nunca respondeu a

estas perguntas de um modo satisfactorio. Nang Po achava que um homem tão sabio quanto seu pae devia ter melhores motivos a apresentar do que simplesmente o de satisfazer a vontade do Deus do Rio.

Um dia, os sacerdotes fizeram uma longa visita a seu pae. Depois de sahirem, o pae chamou a familia e contou-lhe que o Deus do Rio escolhera por noiva a irmã de Nang Po.

—Elle não a terá! Elle não a terá! Nang Po exclamou, completamente esquecido dos deveres filiaes. Amava a irmã, embora as mulheres não gosassem de muita consideração na China; tambem não podia esquecer os gritos de angustia que ouvia todos os annos no dia do casamento do Deus do Rio.

—Porque escolheu a minha irmã? perguntou Nang Po, com voz entrecortada.

—Os deuses assim determinaram, e é uma honra para nós que a nossa filha fosse escolhida para ser a noiva do grande Deus do Rio, respondeu seu pae. Além disso recebemos noticias de que o Deus do Rio está muito zangado este anno, e, si não lhe dermos as melhores noivas que podem ser encontradas, elle nos mandará terriveis inundações.

Nang Po estremeceu ao lembrar-se das inundações que presenciára alguns annos atraz, na companhia de seu pae. Ficára horrorizado com a destruição e com as mortes produzidas pelo rio, emquanto seguia o seu curso. Compreendeu que até os gritos de terror de doze lindas moças não eram tão terriveis quanto a morte de centenas de pessoas, produzida pela ira do Deus do Rio.

No entanto, Nang Po não podia esquecer a sua irmã.

—Não haverá algum meio de salva-la? perguntou, pois apesar de pequeno, sabia que havia meios mysteriosos de evitar o casamento, e que, ás vezes, pesados saccos de dinheiro evitavam a desgraça.

O seu pae sacudiu tristemente a cabeça e disse:

—E' preciso muito para fazer o Deus mudar de escolha e eu não tenho o dinheiro necessario.

—Que importa? retorquiu o filho. A caso vamos deixar que a nossa irmã seja arremessada ao rio porque o Sr. não tem dinheiro? Ora, eu venderei meu bello casaco de seda. Oh! papae, não devemos permittir que o casamento se realize!

Mas o pae com tristeza disse:

—Nós desejamos para a nossa filha as melhores cousas que possam acontecer para uma mulher. E' certamente uma grande honra que o Deus do Rio a deseje para noiva.

—Não é honra alguma, exclamou Nang Po, não se podendo conter. E' crueldade; é roubo! O Deus do Rio tem os braços cheios de noivas. Eu o odeio! Oh! si eu pudesse impedir o casamento!

A familia inteira ficou espantada com a ousadia do menino. Elle passou o dia inteiro e a noite num quarto escuro e o pae fez uma offerta especial aos seus antepassados, pedindo perdão pelo seu filho rebelde.

Afinal despontou o dia do casamento. Nang Po nada podia fazer para evital-o. Bem cedinho, sahiu de casa e foi para uma pequena caverna na rocha, que tinha descoberto havia muito tempo.

—Não acharão falta em mim, pensou, e eu não supporto ouvir os gritos de minha irmã. Oh! meu coração está quebrantado!

De repente, Nang Po levantou-se e ergueu os braços clamando pelo grande Deus do Ceu. Prometteu-lhe que, quando ficasse homem, poria um fim ao casamento do Deus do Rio. Voltando-se para o rio que serpenteava pela cidade, o rapaz mostrou-lhe os punhos fechados e exclamou:

—Deus do Rio, eu vos odeio!...

Depois, contendo a respiração, esperou para ver o que aconteceria, pois chamara o Deus do Rio de nomes horriveis. Nada aconteceu; só se ouviam ao longe os gritos do povo e o som dos instru-

mentos musicaes. Nang Po sabia que o casamento cruel se estava realizando.

—O Deus está occupado demais com o seu casamento para me ouvir, disse o rapaz a si mesmo.

Quando elle voltou para casa, estava certo de que receberia algum castigo severo, e esperava que o mandassem outra vez para o quarto escuro. Elle não se incomodava, pois no seu coração havia um sentimento profundo de que o Deus do Ceu tinha ouvido o seu voto e permitiria que elle o cumprisse algum dia.

Comtudo, Nang Po não foi castigado,

pois a familia voltou para casa triste e abatida. Até seu pae estava muito quieto e unica cousa que fez foi collocar a mão sobre o hombro de Nang Po e dizer:

—Talvez tenhas razão! Era uma grande honra, mas nossa filha era tão bella!

A mãe andava pela casa como si estivesse sonhando. Nang Po podia imaginar como ella se sentia. O rapaz passou uma noite agitada, escutando o vento, e parecia-lhe que ouvia a voz de sua irmã dizer: "Pare o casamento! Pare o casamento!"

(Continúa).

A PAGINA DOS LEITORES

("Eu vejo em cada criança a possibilidade do homem perfeito")

JOÃOZINHO E UMA RAINHA EXQUISITA

—Ai! ai! não me mates! Assim gritava uma pobre minhoca, estrebuchando e procurando, em vão, livrar-se das mãos do peralta do Joãozinho. Este tentava pol-a no anzol para servir de isca a algum peixe que andasse, descuidado, á procura de alimento.

Joãozinho, filho de paes ricos, morava na cidade, onde frequentava uma boa escola. Costumava passar as férias na fazenda, que era o seu encanto. O anno todo sonhava com o almejado descanso. Tinha 8 annos. Era um menino desenvolvido, robusto, sadio e sobretudo intelligente. Isso se prova contando que era o primeiro alumno da classe e que estava no terceiro anno do Grupo Escolar, onde era muito estimado, tanto pelos collegas como pelas professoras.

Certo anno, Joãozinho se conduziu com muito brilho nos estudos, e, por isso, seu pae resolveu deixal-o ir passar as férias na fazenda. Qual não foi a alegria do menino, quando seu querido pae lhe communicou a noticia! Saltou, de contente, e despediu-se de todos os amigos e collegas.

Faltavam ainda tres dias para a partida. Que dias compridos foram aquelles!

Como custavam a passar para o impaciente Joãozinho!

Afinal, chegou o dia! Que contentamento! Que alegria! Tinham que partir ás 8 horas da manhã, e ás 4 já elle estava em pé. Sua extremosa mãe tinha preparado um excellente farnel. Quando o relógio bateu 7 horas, o automovel estava chegando e lá se foi elle com seus paes para a estação. O trem já estava na estação quando chegaram. Joãozinho ia com o Anselmo, criado de confiança da familia.

Depois de muitos abraços e muitas recommendações, o **nosso heroe** tomou o trem. Mas, primeiramente, recommendou que tratassem muito bem do canarinho, que sua estimada madrinha lhe tinha dado.

Prr... apitou o chefe. A machina soltou um silvo agudissimo para avisar aos viajantes que ia partir. Joãozinho, na janella, sacudia o lenço aos que ficavam. Atirando ao ar grossas baforadas de fumo, a machina proseguia na sua vertiginosa carreira.

Afinal, chegaram á estação, da qual a fazenda distava cerca de 8 kilometros. Dois camaradas os esperavam com o troly da fazenda. Tomaram a carruagem e se puzeram a caminho. Joãozi-

nho não cessava de falar. Apesar da longa viagem, não se sentia cansado.

Pelas 5 horas e meia, chegaram. Jantaram fartamente, conversaram um pouco e foram dormir.

No outro dia, Joãozinho amanheceu bem disposto, tomou um saboroso café com leite e foi passear pelo campo. Depois do almoço, foi pescar no rio com amigos que já havia arranjado.

Sabendo que as minhocas eram uma boa isca, separou-se por alguns momentos de seus amigos, e, com um pau, poz-se a cavocar a terra em procura das minhocas. Afinal encontrou uma grande, pegou-a e tentou pol-a no anzol, quando ouviu esta exclamação angustiosa:

—Ai! ai! Não me mates!

Joãozinho, estupefacto, largou a isca. Olhou para os lados e não viu ninguém; sómente ouviu o murmurar do rio que passava a certa distancia.

Ainda não eram passados tres segundos, quando ouviu a mesma voz que dizia:

—Bello menino, como te chamas?

Readquirindo a calma, Joãozinho olhou para o solo e viu a minhoca muito tesa, aos seus pés.

—Não te assustes; sou a rainha das minhocas, continuou o bichinho.

Elle soltou uma gargalhada.

—Joãozinho, que querias de mim? perguntou a minhoca.

—Fazer-te de isca para pegar os peixes, respondeu elle.

—Mas porque? Que mal faço eu? perguntou a ella.

—Porque?!... Porque os peixes gostam muito de ti e tu fazes mal ás plantas, disse o menino.

—Como estás enganado, continuou a minhoca. Pensas que faço mal. Pois olha, eu só faço bem aos homens e pagam-me com a ingratidão!

—Comes as raizes das plantas, matando-as, redarguiu elle.

—Ah! Ah! Ah! Pareces tão intelligente e não sabes do que me nutro, disse a minhoca; eu me alimento de terra e folhas seccas. Só saio á noite; de dia temo as gallinhas e os passaros. Não

tenho dentes: de que me serviriam? Também não tenho pés: não preciso delles, atrapalhar-me-iam porque me arrasto. Tenho uma bocca muito pequena, não a vês? Pois tenho. Revolvo a terra, faço com que a chuva chegue até ás raizes das plantas, revigorando-as. Estás admirado? Pois olha, segura o queixo para não cahir; fecha mais os olhos para não se abrirem muito; si tu me cortares pelo meio, cada parte se transformará em outra minhoca. Como estás com a bocca aberta! Pobrezinho!

Ainda mais: com a minha cabeça penetro a terra. Serás capaz de fazer isso? Si te cortarem pelo meio, cada pedaço de teu corpo se transformará em outro menino? E' bom não experimentares!...

Agora, continuou a minhoca, vou para o seio da terra, outra vez, e nunca mais mates as inoffensivas minhocas, ouviste?

E dizendo isto, entrou pela terra a dentro.

Joãozinho estava admirado com a revelação da minhoca, mas voltando a si, foi pescar com os ocompanheiros, fazendo isca de outra cousa e nunca mais perseguiu esses pobres bichinhos.

J. E. F.

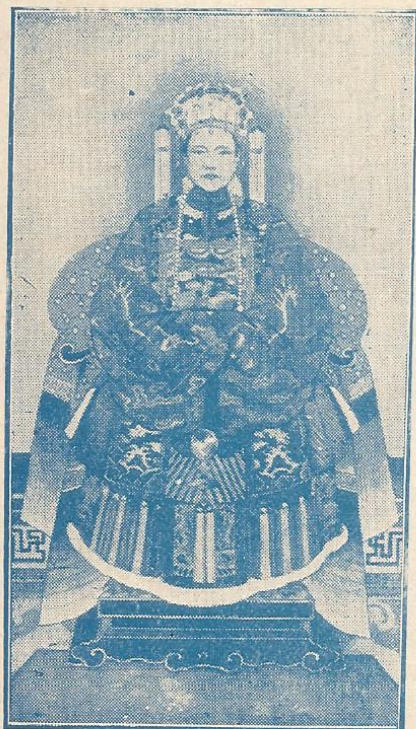
Um amiguinho do "Bem-Te-Vi".

UM BICHINHO TRABALHADOR

Desde o dia em que minha amiguinha Lucia appareceu na Igreja com um vestido de seda, nasceu no meu coração o desejo de tambem possuir um. Falei com mamãe e ella disse que teria de esperar algum tempo, antes de tel-o. Conformei-me com a sorte, mas o tempo não me fez esquecer o meu desejo. Gostava de me imaginar vestida com o lindo vestido côr de rosa, provocando a admiração das minhas irmãs e das minhas amiguinhas.

Por occasião do casamento de minha prima, lembrei mamãe da sua promessa. Era um bom pretexto para eu ter um

vestido de seda. Mamãe concordou e fiquei radiante. No dia seguinte fui com mamãe á loja para escolher a fazenda. Voltei toda triumphante, trazendo o pacote. Nesse mesmo dia mamãe cortou a fazenda e começou a fazer o vestido. Enquanto ella cozia, contava-me alguma cousa a respeito da seda.



—A seda vem da bocca de um bichinho que é nativo da China. No Japão e na China, os bichos da seda vivem nas folhas da amoreira e têm sido criados por muito tempo afim de fornecer a seda para a humanidade.

—E quem foi que descobriu que esses bichos podiam fornecer seda? perguntei.

—Não se sabe. Os chinezes dizem que foram criados a primeira vez pela mulher do seu famoso imperador Huang-ti.

Essa imperatriz é adorada pelos chinezes com o nome de Yuen-fi que quer dizer: “deusa da seda”. E, fallando nisso, lembro-me que tenho a gravura de uma imperatriz chinesa, toda vestida de seda.

—Onde está, mamãe?

—Está guardada dentro do Diccionario Biblico. Vae buscal-a.

Logo voltei com a gravura na mão. E’ a mesma que se encontra nesta pagina.

—Cada bicho de seda, continuou mamãe, é como um pequeno moinho de seda, cujo material é a folha da amoreira. Elle móe estas folhas na bocca e, digerindo-as, transforma-as em uma gomme. Depois reduz a mesma a um fio muito comprido e tece-o num casulo.

A borboleta põe os ovulos durante o verão, em folhas de papel branco, que são penduradas num lugar frio até a primavera seguinte. Cada borboleta põe 400 a 600 ovulos. Logo que esses ovulos são postos têm côr amarella; depois tornam-se verdes e finalmente pretos. Si os ovulos forem conservados frios, pôdem ser levados para qualquer parte.

Os bichos, quando pequeninos, são conservados em logares quentes. O seu alimento são as folhas da amoreira, bem picadas. Quando já estão crescidos, comem folhas inteiras. O bicho da seda é tão guloso quanto qualquer criança. Uma onça de ovulos produz insectos bastantes para comer uma tonelada de folhas durante suas curtas vidas. Elles comem 5 ou mais vezes por dia e mais ainda durante a noite. Os bichos crescem rapidamente. Alimentam-se durante 8 a 10 dias e depois dormem 48 horas.

—48 horas! Dois dias inteiros! Devem acordar com bastante fome!

—Justamente. No fim de 32 dias, o insecto está bem crescido. Quando a gente entra nos quartos onde estão os bichos, ouve-se o ruido da sua refeição. Dir-se-ia que está cahindo uma chuva miuda. Quando entramos nesses quartos, devemos tomar todo o cuidado para não fazer barulho, porque os insectos são muito sensiveis. Elles não gostam do cheiro do vinho, do fumo, e não toleram oleo.

—Oh! eu podia ter nascido bicho de seda pois tenho os mesmos gostos.

—Estes bichos tambem não gostam

de visita das moças que andam todas perfumadas.

A fabricação do casulo é muito interessante. Nessa ocasião o bicho pára de comer e trepa num montezinho de palha que foi posta alli de proposito. Elle então começa a fiar a sua pequena casa oval. Dobra-se como uma ferradura e inclina a cabeça de um lado para outro. A seda vem de uma abertura no seu beijo superior. Em tres dias o casulo está prompto. Algumas linhas têm 3 kilometros de cumprimento.

A fibra é brilhante e muito bonita. E' tão fina que são precisos de 800 a 1.000 casulos para fazer uma libra de seda crua. Portanto podemos dizer que este vestido tem custado o trabalho de pelo menos 1.000 bichos.

—1.000 bichos! Que porção!

—E' mesmo. Depois de o bicho fazer o casulo, elle dorme e, si for deixado, transforma-se numa borboleta. Para sahir do casulo precisa fazer um buraco, e isso prejudica muito, porque quebra a fibra. Por isso os sericultores só deixam que se transformem em borboletas, tantos bichos quantos forem necessarios para a criação seguinte. Os outros são mortos nos seus casulos por meio de vapor. Pondo-se diversos casulos na machina, ella tira longas fibras que são

torcidas, dando assim a linha conhecida como a seda crúa do commercio.

A seda de que nos servimos é preparada antes de tecida. O primeiro processo é mais ou menos o mesmo do algodão e da lã. A seda precisa ser livre de qualquer imperfeição. Depois a linha é fervida para tirar-se a gomma e então posta a enxugar. Em seguida a seda é collocada em machinas providas de umas rodas muito pequenas. As machinas para dobar têm rodas grandes. A linha é enrolada nessas rodas e fiada. Nos tecidos é espargida uma preparação de gelatina que lhes dá um bonito brilho. Então são dobradas e embrulhadas em blócos e estão promptas para o commercio.

A seda pode ser tingida antes de ser fiada ou depois. Depois de tingida toma côres lindas.

E, Edna, sabe para que serve a seda?

—Ora, para vestidos lindos, fitas, veludos, meias.

—E para as azas do aeroplano, para balões, véos, etc.

—Porque se fazem balões de seda?

—Porque a seda é mais resistente e é impermeavel.

—A seda só é produzida na China e no Japão?

—Não, tambem na Italia e na Asia Menor.

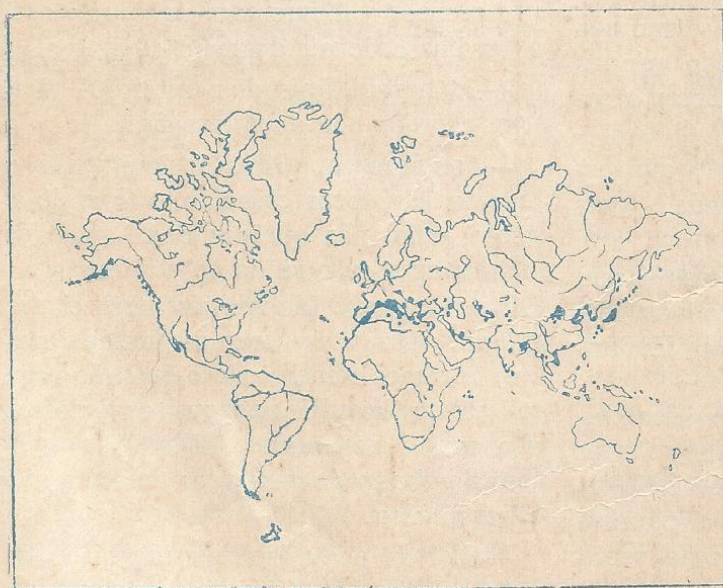
—E aqui no Brasil tambem existe a industria da seda?

—Está ainda em começo, mas acha-se bem adeantada em Barbacena, no Estado de Minas.

—Agora vou gostar ainda mais de meu vestido de seda, pois vejo que, além do trabalho de mamãe, custou os esforços de muita gente.

Edna Andrade

Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi".



Paizes que se dedicam á Sericultura

NOSSOS AMIGUINHOS

(Carta de um amiguinho que mora no Canadá.)

Toronto, Canadá.
20 de Outubro de 1923.



Queridos Amiguinhos do "Bem-Te-Vi":

Sou Jayme Ribeiro, um rapaz de 15 annos que mora na cidade de Toronto, no Dominio do Canadá.

Na semana passada, estive lendo a respeito das bellezas e riquezas do Brasil. Gostei de saber que o café, que aprecio tanto, vem desse paiz que é tão rico em generos alimenticios, mineraes e animaes. Ha, porém, uma cousa que existe aqui no Canadá e que os amiguinhos brasileiros nunca viram, pois não ha no seu paiz. Já vou contar-lhes o que é. Mas reparem, primeiramente, nas folhas que adornam esta pagina. Ellas têm para mim uma significação especial. Ha flores que significam pureza, outras modestia e algumas belleza; as pedras tambem têm significação, como o topazio — fidelidade, a granada — constancia, o diamante — innocencia e assim por deante. Pois aqui está uma folha que significa muito para os habitantes do Canadá. Ella lembra o paiz onde nascemos, a casa onde moramos, os paes que nos embalaram o berço: ella é o emblema da nossa Patria. Muito já foi escripto a respeito desta folha e gostamos de cantar hymnos que falam della. E' de um brilhante verde escuro na parte superior e de um verde mais pallido na parte inferior.

Moro na cidade de Toronto, mas no inverno, vou com meu pae e irmãozinho para uma floresta que meu



pae possui. As arvores dessa floresta tem folhas como as que já descrevi. São muito altas; algumas tem 20 metros de altura. A sua sombra é tão densa que, debaixo della, só crescem plantas que gostam de logares sombrios. Até o capim foge de sua sombra. E' delicioso descansar debaixo destas arvores num dia muito quente.



E' no outomno que estas arvores ficam mais bonitas. As suas folhas tomam cores diversas: amarello, alaranjado e vermelho. Quando venta, as crianças gostam de correr pela floresta, apanhando as lindas folhas que caem sobre as suas cabecinhas.

Muitas das estradas de rodagem e das ruas principaes das cidades são plantadas destas arvores, não só porque duram muito, têm crescimento regularmente rapido e adaptam-se a qualquer solo logo que não seja muito humido.

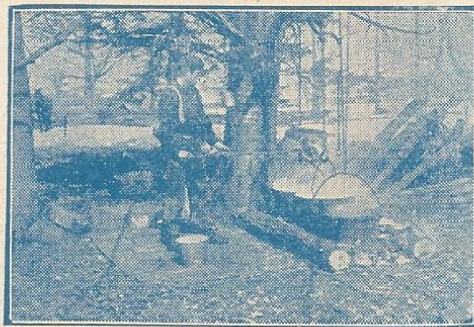
Agora eu queria saber quem é capaz de me dizer qual é a utilidade dessa arvore. Já ouço alguém dizendo que a sua madeira póde ser empregada na marcenaria. Sim, della se fazem assoalhos, moveis e navios. E muitos dos habitantes do Canadá servem-se dessa madeira para aquecel-os no tempo do frio. Mas esta arvore tem uma utilidade muito maior. Não adivinham? E' uma arvore de assucar. "De assucar"! Sim, tem uma seiva muito assucarada, com a qual se fabrica assucar muito bom. "Mas eu pensei que o assucar era feito de canna de assucar e de beterraba". dirá alguém. Pois é; mas no Canadá

ha esta arvore que também fornece assucar.

Quando chega o fim do inverno, papae e eu recolhemos a seiva das arvores. Ellas estão completamente despidas de folhas e o chão está coberto de neve. Faz muito frio, mas com o trabalho vae-se esquentando até ser preciso tirar o casaco. Na figura 1 vocês vêm papae fazendo um buraco na arvore. Nesse buraco eu colloco um batoque de metal que tem um gancho para segurar um baldezinho. Depois de fazer isso em todas as arvores é interessante ver todas ellas com baldezinhos suspensos aos seus troncos. Na figura 3 vêm-me e papae occupados nesse serviço.

Mas ha um ladrãozinho que gosta de enfiar um tubo no buraco feito no tronco da arvore e chupar o assucar. Sabem quem é? E' o meu irmãozinho Carlos. Lá está elle na figura 2 apanhado em flagrante.

O nosso serviço seguinte é recolher a seiva assucarada que cahiu nos baldes. Logo que as arvores começam a brotar, a seiva deixa de correr e a extracção é suspensa até o proximo inverno.



O trabalho final é o que mais aprecio. Consiste em collocar a seiva em grandes panellas, onde ella é fervida. A escuma é removida á proporção que ella sobe e, quando o assucar crystallisa, é posto a esfriar.

Na figura 4 podem ver-me fazendo esse serviço. Como é gostoso sentir o cheiro do assucar! Toda a floresta fica impregnada desse perfume. Meu irmãozinho sempre fica perto, pulando de um

lado para outro, sempre prompto a lambar qualquer vasilha. Está muito ansioso de crescer de modo a poder ajudar o nosso trabalho.

Com este assucar fazem-se as balas de que todos gostam tanto. E' só deramar o fluido grosso e quente em camadas finas sobre neve endurecida. E para se fazer o que se chama "bolinhas de assucar", mexe-se o fluido até granular e derrama-se em pequenas formas.

Em Maio as arvores começam a brotar e então cobrem-se de flores amarello-esverdeadas.

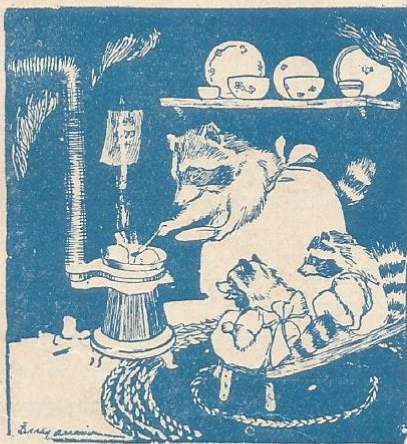
Agora vou despedir-me de vocês porque eu combinei encontrar-me com al-

guns rapazes da floresta vizinha para fazermos uma excursão a um monte. Como eu gostaria que os amiguinhos do "Bem-Te-Vi" pudessem vir connosco para ver as lindas florestas das "arvores de assucar" que vamos avistar lá do alto do monte! Tambem teria muito prazer em visitar os amiguinhos brasileiros e ver as arvores de borracha, os jequitibás-rosas e os castanheiros do Pará de que os livros contam cousas tão interessantes.

Abraços de seu amiguinho desconhecido,

Jayme Ribeiro.

A Gula, *peccado de todos nós*



PUDIM DE COCO

6 chicaras de assucar (1300 grs.).
12 ovos batidos (10 minutos).
Meio coco ralado.
1 colher de farinha de trigo (15 grs.).
Um quarto de queijo de Minas.
2 colheres de sopa de manteiga (28 grs.).

Herva doce pisada.

Canella em pó.

Noz moscada.

Mexe-se tudo e põe-se em formas forradas com folha de bananeira e untadas com manteiga. Vae ao forno brando.

O Brasil

Sou de uma terra querida
Que hei de viver para amar,
Nella surgi para a vida,
Nella hei de os olhos cerrar.

Teu solo é macio e brando,
Teus ares puros e bons.
Teus rios correm cantando
Dos mais harmoniosos sons.

Meu coração infantil
E' teu, é teu, meu Brasil!

PEQUENOS CIGANOS

Capitulo VIII

UM NOVO NOME E NOVAS DIFFICULDADES

Quando eu tinha 19 annos, fui um dia visitar o Sr. Booth e elle me tratou muito amavelmente. Disse que eu precisava ir visitar a minha familia e descansar um pouco. Isto me agradou muito, porque tinha tantas saudades dos meus queridos e de nossa vida de Ciganos!

Quando voltei á casa do Sr. Booth encontrei uma grande surpresa para mim: — Na minha ausencia fui nomeado por elle para ser um Tenente no “Exercito Christão” e em pouco tempo elle me honrou, elevando a minha posição até ao posto de Capitão. Isto me satisfez bastante e eu fiquei muito alegre.

Em dezembro daquelle mesmo anno me casei com Miss Pennock. Tinha uma casa prompta com a mobilia necessaria e não precisava pagar aluguel. Estava recebendo cem mil réis (100\$000) por mez. A Sra. Smith era uma christã sincera e sempre prompta para fazer qualquer sacrificio para ajudar-me no meu trabalho. Deus abençoou a nossa familia e nos deu tres filhos; os dois mais velhos são meninos, Albany e Hanley, a outra uma menina chamada Zillah.

Depois do meu casamento, o meu primeiro trabalho foi num lugar chamado Chatham e nunca posso esquecer-me da minha recepção naquelle lugar. Havia 13 membros na congregação e todos estavam presentes, mas reparei que estavam espalhados por toda a parte da casa e ninguem falava com o seu vizinho. Percebi immediatamente que havia entre elles uma discordia e resolvi procurar o mal. Sentei-me na frente, olhando fixamente para aquellas estatuas vivas por alguns minutos. Esses

treze membros isolados começaram a entreolharem-se como que perguntando: Porque elle não começa o culto? Porque está esperando? Finalmente um homem dos mais audaciosos se levantou e perguntou-me: — Porque não começa o culto?

Respondi que estava examinando-os para saber a causa dessa atmosphera, que não é o costume um medico dar remedio aos doentes sem examinal-os e saber qual a molestia que têm.

Com máos modos, um velho me perguntou:

—Quem mandou você aqui, meu menino?

—O General do Exercito, Sr. William Booth, respondi.

—Pois bem, disse elle, mas você é criança demais para prégar para nós.

Então eu disse:

—Ser moço não é minha culpa, nem é peccado mortal. Si o senhor me permittir ficar nesta sociedade, daqui a pouco estarei velho. E apezar de não ter muita barba, já sou casado, portanto, tenho uma esposa e sou pae de familia.

Depois, com o meu coração cheio de amor para com todos, falei francamente com elles, sinceramente pedindo auxilio e cooperação. A harmonia se restabeleceu, e em pouco tempo havia 250 membros fieis, trabalhando em nossa congregação. Depois de trabalhar nove mezes em Chatham, o General Booth me nomeou para prégar em Hult numa casa chamada “A Casa do Gelo”. O Espirito Santo estava connosco e milhares de almas foram convertidas; era muito commum ter 1.500 pessoas, assistindo o nosso culto de oração, ás sete horas

da manhã. Lá recebi o meu appellido de "Gipsy Smith". Antes disso chamavam-me "Rodney Smith, o Menino Cigano". O meu pae e os seus dois irmãos foram chamados — "Os Tres Ciganos convertidos". Mas, para mim, um homem de 21 annos, homem casado e pae de um filhinho e um prégador do Evangelho, não parecia bem o meu appellido de "Menino Cigano". Mas gostei bastante do meu novo appellido e resolvi adoptal-o. Pegou e agora não ha muitas pessoas no mundo que saibam que o meu nome é Rodney.

De todos os lugares aonde foi mandado para prégar, aquelle de que eu gostei mais foi Hanley. Lá fui perseguido bastante e soffri muito, mas tambem achei amigos sinceros que me trataram como si eu fosse o seu proprio irmão. Tenho mais amor para com a nossa congregação nessa cidade do que em qualquer outra. Uns dias antes de ser nomeado para ir lá, o General Booth me perguntou aonde eu queria ser mandado e eu lhe respondi: "Ao lugar mais perto do inferno". E quando cheguei em Hanley, lembrei-me do que tinha dito, porque ahi Satanaz estava bem estabelecido. Foi o maior campo de batalha que jámais encontrei; luctava dia e noite contra o Diabo e os seus soldados. Mas ganhámos uma grande victoria para o nosso Capitão Jesus Christo. Prégava o Evangelho todos os dias da semana e no domingo. Muitas vezes havia 8.000 pessoas presentes em nossa congregação.

No fim de seis mezes o General Booth ia me mandar para outro lugar, mas a Sra. Smith não estava passando muito bem e os nossos amigos em Hanley mandaram um abaixo assignado, pedindo que ficássemos com elles mais alguns mezes antes de irmos para outro lugar. O General nos deu essa licença e com muito prazer eu continuei o meu trabalho em Hanley. Qual não foi a minha surpresa quando, um dia, uma commissão, representando as egrejas da cidade, me presenteou com um bonito relógio de ouro, gravado com o meu nome, e a

data! Tambem mandaram presentes de 100\$000, cada um, á Sra. Smith e á minha irmã, pedindo que os aceitássemos, como lembranças e signaes de amor e apreciação de nosso trabalho entre elles. Naturalmente ficámos muito satisfeitos e apreciámos bastante esses signaes de fraternidade, especialmente porque foram offerecidos pelos amigos das varias egrejas e não pelos membros do "Exercito Christão". Eu sabia que era contra as regras do Exercito um official receber presentes dos soldados ou de outros officiaes, mas fiquei muito contente, porque os nossos amigos de fóra nos mostraram com isso signaes de apreciação e amor. Infelizmente alguns dos membros de nosso exercito, ficaram cheios de inveja e não podeis imaginar qual não foi a minha surpresa quando duas semanas depois recebia uma carta do filho do General Booth, dizendo que as noticias dos presentes, que eu tinha accitado dos amigos em Hanley, não agradaram muito ao General e aos outros officiaes do "Exercito"; por isso resolveram me avisar que não precisavam mais dos meus serviços no "Exercito". Esta carta me causou tristeza e angustia e era-me inteiramente inesperada. Chegou sabbado, no dia 5 de agosto, tres horas depois do nascimento de nosso segundo filhinho, Hanley Smith. Não tenho palavras para exprimir como fiquei commovido lendo esta carta. Tinha trabalhado por cinco annos no Exercito e Deus tinha nos abençoado maravilhosamente, dando-nos milhares de almas convertidas á religião de Jesus Christo. Eu estava pensando em sahir do Exercito porque não gostava do uniforme dos soldados, dos titulos, dos officiaes e das regras militares que não pareciam proprias para a vida christã; mas tinha muito amor para com o General Booth e muitos outros officiaes e soldados e não queria sahir do Exercito desta maneira. O meu coração estava doendo bastante, mas resolvi ficar quieto e continuar com os cultos do dia seguinte.

Sendo domingo, préguei tres vezes e o Espirito Santo me deu a coragem e o auxilio necessarios para prégar o Evangelho e não ficar acabrunhado por causa da carta. Depois do ultimo culto daquelle dia, annunciei á minha congregação que eu tinha uma surpresa para elles. A casa estava completamente cheia e todos estavam em silencio, quando eu abri a carta e a li para todos ouvirem. Immediatamente todos começaram a falar baixinho e em seguida furiosamente gritaram contra a injustiça de tal procedimento. Pelo auxilio de Deus, eu fiquei calmo e pelo poder do Espirito Santo os acalmei, dizendo que o espirito de raiva não era signal da religião de Jesus Christo; que durante mais de um anno eu lhes tinha ensinado todos os dias que nosso Deus é um Deus de amor e de paz e que ás vezes é necessario soffrer injustiças por amor de Christo que nos ensinou pelo exemplo a perdoar os nossos inimigos e amar uns aos outros. O resultado foi que se acalmaram e sahiram quietos; mas no dia seguinte, reuniram-se outra vez para protestarem. Mandaram telegrammas, cartas e até uma commissão a Londres para explicar a situação ao General e annullar aquella ordem inesperada. Antes de partirem os membros da commissão, combinaram com os nossos amigos em Hanley, que passariam um telegramma quinta-feira á noite dando o resultado da conferencia com o General Booth. Na hora marcada achava-se a igreja repleta de gente anciosamente esperando o telegramma, o qual chegou trazendo a fatal noticia: "Gipsy Smith está expulso do Exercito". Immediatamente houve uma grande confusão entre o povo indignado. E no domingo seguinte, depois do culto regular, quando eu sahia, fui surpreendido por uma grande manifestação popular. Dez mil pessoas se achavam reunidas com duas grandes bandas de musica, e dois altos e fortes irlandezes me ergueram sobre os seus hombros, e, contra a minha vontade, me levaram pelas ruas da cidade, dando vivas, tocando e cantando hy-

mnos. Minha irmã tambem foi levada em uma cadeira grande, carregada aos hombros de alguns homens. Finalmente nos levaram para casa e da janella do meu quarto eu falei com elles e préguei o Evangelho de Jesus Christo a mais de 10.000 pessoas. Assim foi terminada a minha connexão com o Exercito Christão. E para contar esta historia desagradavel da minha expulsão custou-me lagrimas bastantes. Não queria mencioná-la, mas achava necessario, porque só assim posso contar-lhes como Deus outra vez "escreveu direito por linhas tortas". Mais tarde vamos reparar como nossa perseguição tornou a ser um modo de espalhar a Palavra de Deus.

Tambem ganhou para mim milhares de amigos sinceros. No meu coração não tenho cousa alguma contra o General Booth; elle sempre me tratou com delicadeza e na minha mocidade me ajudou bastante. Segundo o meu entender, elle era um dos mais nobres homens que Deus jámais concedeu a este mundo. E o Exercito Christão, que elle fundou, é uma seita digna de nosso respeito e amor porque Deus o abençoou e o está usando como instrumento para a salvação de milhares de almas perdidas. Tenho muitos amigos sinceros entre os officiaes e soldados do Exercito, mas o meu trabalho agora está nas igrejas organizadas.

(Continúa)

PEDRAS PRECIOSAS

NOVEMBRO — O TOPAZIO

O topazio é a pedra das pessoas que nasceram em Novembro. A sua côr é geralmente amarella, mas ha uma variedade infinita de côres.

E' uma pedra essencialmente brasileira. Mas ha tambem topazios na Inglaterra, Russia, Saxonia, Australia e Estados Unidos.

O maior topazio conhecido foi achado no Brasil ha poucos annos e pesava, em estado bruto, 5 kilos e um quarto. Foram precisos diversos mezes para cortar esta enorme pedra.

Topazio significa — fidelidade.

RIP VAN WINKLE

A bella lenda americana do homem que dormiu durante vinte annos. ::

(Será publicada em cinco partes.)

(Continuação)

III

Era um sujeito baixo, velho, de fórmas quadradas, de cabellos grossos e bastos, e de barba grisalha.

Sua vestimenta era á antiga moda hollandeza, — um gibão de panno apertado em redor da cintura — alguns pares de calções, dos quaes o que ficava na parte exterior era de enormes proporções, tendo carreira de botões aos lados e gibbas na altura dos joelhos.

Elle trazia sobre os hombros um grande barril, que parecia cheio de liquido, e fez signal para que Rip se approximas-se e o ajudasse a levar a carga.

Ainda que um tanto timido e desconfiado das novas relações, Rip acquiesceu com a sua habitual alegria, e, amparando-se um ao outro, elles galgaram um estreito fosso, que tinha a apparencia de um leito de rio montanhez, que se havia extinto. A' medida que subiam, Rip, de espaço a espaço, ouvia demorados e tonitroantes estrondos semelhantes a trovões longinquos que partissem de fundas cavernas, ou antes fendas entre altissimas rochas, na direcção das quaes conduzia o seu escabroso caminho. Elle deteve-se um momento, mas, cuidando tratar-se do rumor de uma daquellas tempestades passageiras que desencadeiam frequentemente nas regiões montanhosas, proseguiu.

Tendo transposto a caverna, chegaram a uma gruta semelhante a um pequeno amphitheatro, circumdada de rochedos perpendiculares, á borda dos quaes arvores inclinadas extendiam suas ramagens de maneira que apenas se podiam ver nêsgas do ceu azul e alguma nuvem crepuscular brilhante.

Durante todo o tempo, Rip e seu companheiro trabalharam em silencio; porque, comquanto o primeiro estivesse

muito admirado de ver transportar-se um barril de bebida naquella ingreme montanha, ainda havia alguma cousa extranha e incomprehensivel com relação ao desconhecido que inspirava temor e lhe refreava a familiaridade.

Ao penetrar no amphitheatro, depa-raram-se-lhes novos objectos singulares. Numa arena, ao centro, um grupo de extranhos personagens jogavam boliche. Suas vestes eram antiquadas e exóticas; alguns traziam curtos gibões, outros, casacos, com longas facas nas cinturas, e a maior parte delles vestiam enormes calções semelhantes aos que trazia o amigo de Rip. Suas feições eram, tambem, muito caracteristicas; um delles tinha uma longa barba, vasto rosto e olhos apertados; o rosto de um outro parecia consistir inteiramente no nariz, e era abrigado com chapéo branco em fórma de cone, adornado com pennas vermelhas de cauda de gallo.

Todos elles tinham barbas, todas de varios feitios e aspectos.

Um delles parecia ser o chefe. Era um homem edoso, robusto, e de feições bronzeadas pelo tempo. Vestia um gibão agalado, trazia larga cinta á qual estava preso o alfange, e cobria-o um chapéo de copa alta e plumagem; suas meias eram vermelhas, e suas botinas eram de salto alto, com rosetas.

O conjuncto daquelle grupo fez lembrar a Rip os personagens de uma antiga pintura flamenga, que havia na sala de visitas de Dominie Van Shaick, o parrocho da aldeia e que tinha sido trazido da Hollanda nos tempos da colonização.

O que parecia particularmente extranho a Rip era que aquellas pessoas, não obstante estarem evidentemente divertindo-se, conservavam a mais circumspecta attitude, o mais inexplicavel si-

lencio, o que fazia ser aquelle ajuntamento para diversões o mais triste que elle jámais havia presenciado. Nada interrompia a monotonia da scena, senão o rumor das bolas, as quaes, todas as vezes que rolavam, echoavam pelas montanhas, além, como estrondo de trovões.

Como Rip e seu companheiro se approximassem, elles cessaram subitamente o seu jogo, e encararam o recém-vindo com um olhar tão apavorado e uma cara tão exquisita e singular, que o coração de Rip começou a pular desordenadamente, e seus joelhos puzeram-se a bater um contra o outro. Seu companheiro, entremettes, transvazou o conteúdo do barril em grandes frascos e fez-lhe signaes para que o esperasse, ao que elle attendeu, a tremer de medo. Aquelles extranhos sujeitos, deixando, então, um momento o seu jogo, vieram dessender-se com o delicioso licor, sorvendo-o em profundo silencio, findo o que voltaram novamente ás bolas.

Paulatinamente os temores e apprehensões de Rip foram passando, até que se aventurou, quando ninguem o esteve olhando, a experimentar a bebida, que achou tão odorante como a excellente genebra. Sua garganta estava naturalmente resequida e por isso foi tentado a repetir o trago. Uma prova induziu á outra e dessa fórma elle reiterou tantas vezes a sua visita ao frasco, que afinal perdeu a noção dos sentidos, seus olhos dansavam nas suas orbitas, sua cabeça começou a declinar aos poucos, e elle cahiu num profundo somno.

Ao despertar, achou-se na verde colina donde primeiro avistára o velhinho da encosta. Esfregou os olhos — era uma linda manhã de verão. Os passaros saltitavam e chilreavam entre os ramos, e a aguia voluteava pelas alturas, oppondo o seu peito ás brisas puras da montanha. “Seguramente”, reflectiu Rip, “eu não passei aqui toda a noite”, e procurou reconstruir todas as scenas que se passaram antes que adormeces-se. Aquelle typo exotico com um barril de licor, o fosso da montanha, aquelle

retiro selvagem entre os rochedos, aquella semsaborona partida de boliche, o frasco — “oh, aquelle frasco, aquelle malvado frasco!” murmurou Rip, “que desculpa darei á Senhora Van Winkle?”

Dirigiu, então, o olhar para o seu redor á procura da sua espingarda, mas, em lugar da sua arma limpa, e luzida, encontrou ao seu lado uma espingarda velha, com o cano todo enferrujado, com o fecho a dissolver-se e a carga destruída pelo tempo. A isto, occorreu-lhe a idéa de que os sisudos impostores da montanha lhe haviam pregado uma peça, e dando-lhe a beber licor, surripiaram-lhe a espingarda. Wolf, tambem, tinha desaparecido, mas bem podia ser que se tivesse afastado muito, no encalço de um esquilo ou de uma perdiz. Rip assobiou, chamando-o; gritou-lhe bem alto o nome, mas tudo em vão; e echo repetia o assobio e o grito, mas do cão nem signal.

Resolveu, então, revistar o scenario da cabriola da noite anterior para ver se encontrava algum daquelles sujeitos ao qual pedisse a sua espingarda e o seu cão. Fazendo um esforço para se levantar, elle sentiu as juntas entorpecidas e faltas da sua natural agilidade.

“Estas camas da montanha não me servem”, murmurou Rip, “e si desta aventura resultar um accesso de rheumatismo, vou ter dias felizes com a senhora Van Winkle”.

E com alguma difficuldade conseguiu descer ao fundo do valle, tendo logo encontrado a encosta por onde elle e seu companheiro haviam subido na vespera, mas, para sua admiração, uma torrente corria agora embaixo, saltando de pedra em pedra, e enchendo o valle com os seus vivazes rumores.

Elle, todavia, empregou um expediente para o transpor, arranjando o seu caminho atravez de mattas de betulas, sassafrazes e avelleiras, tropeçando ou enredando-se pelas vinhas selvaticas, que enrolavam seus cipós e gavinhas de arvore em arvore, desdobrando uma especie de malha em seu caminho.

Afinal, elle chegou ao ponto do valle onde se erguiam os rochedos em que se encontrava a entrada para o amphitheatro, mas não havia nenhum signal de tal abertura. As rochas estavam dispostas em fórma de alta e impenetravel muralha, por sobre a qual a torrente vinha rolando, como um lençol de espumas semelhantes a pennas, até despenhar-se numa bacia larga e profunda, obumbrada pela sombra da floresta circumja-

cente. Aqui, então, o pobre Rip ficou perplexo. Chamou novamente pelo seu cão, assobiando, mas a unica resposta foi o grasnar de uns corvos velhos, que, em bando, brincavam nas alturas, em redor de uma arvore secca, que pendia sobre um precipicio inundado de luz, os quaes, defendidos pela altura em que se encontravam, pareciam olhar para baixo e zombar da perplexidade do pobre homem. Que fazer? (Continúa).

OS SURDOS CONSEGUEM OUVIR

Todos vocês sabem quão desagradavel é falar com pessoas surdas. A gente precisa repetir o que quer dizer em voz alta e, ás vezes, a pessoa surda vae embora sem ter comprehendido bem o que dissemos.

Essas pessoas, que, pouco a pouco, foram perdendo o sentido de ouvir, são muito dignas de nossa compaixão.

Mas ainda ha pessoas mais lastimosas; são aquellas que nasceram completamente surdas.

Muitos esforços tem feito a sciencia para conseguir aparelhos que transmitam ás pessoas surdas as vibrações do ar.

Ultimamente, cientistas têm procurado utilizar o radio em proveito dos surdos e mudos. Algumas pessoas já conseguiram ouvir ao collocar nos ouvidos um par de radio-telephones.

Um dos grandes especialistas, que é director da escola dos surdos-mudos e cegos, nos Estados Unidos, diz que o radio produz vibrações mais accentuadas do que a voz humana, e nos radio-telephones os sons pôdem ser ampliados ou reforçados e vibrações podem ser transmittidas até aos centros auditivos.

Contam-se muitos casos de pessoas surdas e mudas que ficaram curadas pelo radio e vamos nos referir ao de um menino de 12 annos, George Farrar, alumno do Collegio da California, era surdo-mudo de nascimento.

Durante duas semanas, o director do Collegio da California não observou no menino resultado algum, com a applicação do radio. Mas elle não desanimou: continuou as experiencias até que, um dia, depois de uma applicação prolongada de vibrações bastante fortes, o rapaz poudo ouvir, pela primeira vez na sua vida, uma cousa extranha — um ruido.

Continuando as experiencias, ás vezes, durante horas seguidas, o director conseguiu que o alumno ouvisse sons e os distinguisse. Após muitos exercicios, conseguiu apprender a falar e hoje conversa com boa entonação, como qualquer outra pessoa.

Por esse processo não se emprega a leitura labial, que é o modo por que muitos surdos têm apprendido a falar.

Portanto, com o correr dos annos, talvez, chegue um tempo em que não haverá mais pessoas destituidas do sentido da audição.

BRINQUEDOS E JOGOS

QUE ANIMAES SÃO ESTES?

1

Uma Criaturinha que é mais inteligente que o Homem.

No nosso jardim ha uma criaturinha que pode fazer cousas que nenhum ser humano é capaz de fazer.

Do seu proprio corpo faz um fio bastante forte para poder andar sobre elle; é tão bem feito que é usado para fazer os mais delicados instrumentos opticos; é tão fino que são precisos cem para fazer um fio grosso como o nosso cabelo; é tão forte que serve para prender a presa, e resiste á chuva, ao vento, á geada e ao calor.

Olha naquelle canto do tecto! Alli está um dos nossos amiguinhos. Tem quatro pares de pernas, um corpo formado de duas partes e oito pequenos olhos. Como se chama?

2.

Um Velho com Armadura

Si procurarmos debaixo das alfaces, encontraremos um animal que tem cento e cincoenta annos e talvez ainda viva muito porque tem uma vida muito facil. Elle sempre carrega a casa comsigo. Essa casa é feita de duras placas osseas e em baixo ha outra placa, havendo na frente uma abertura para a cabeça e duas pernas, e outra atraz para as duas pernas trazeiras que são curtas.

Si vocês o magoarem, elle recolherá a cabeça dentro de sua casa. Vamos tentalo com um bom pedaço de alface. Prompto, os seus olhos pallidos e vagarosos já enxergaram o pedaço; elle pega a alface e come-a. Elle não é de muito co-

mer; talvez não coma mais durante semanas.

No inverno elle dorme. Quando elle se move, vae muito devagar tanto que qualquer criatura menor pode apanhal-o.

Elle tem um primo que mora no rio e outro, nas praias, de onde será apanhado um dia para fazer parte de alguma sopa.

Quando este animal morrer, sua armadura será empregada para fazer caixinhas, pentes e bolsas. Sabem qual é o seu nome?

3.

O Animal mais Desageitado do Mundo

Nas florestas da Africa ha um animal que no correr dos seculos, tem soffrido diversas mudanças para se accommodar ao seu paiz.

Como apreciava muito as folhas da alta acacia, o seu pescoço cresceu muito para poder alcançal-as. Os espinhos das arvores, cujas folhas desejava, costumavam picar o seu labio. Então cresceu uma pelle dura para protegelo das picadas. Apprendeu a fechar com força as suas narinas afim de resguardalas dos espinhos e da areia que o vento levanta nos desertos. Para escapar dos animaes que o atacavam, suas pernas cresceram tanto que poderá elle exceder na carreira a qualquer animal.

Geralmente é manso, mas quando se zanga, põe-se a rugir.

As suas costas estão cobertas de manchas grandes. Tem quatro pés com dois dedos cada um e, quando lucta, serve-se dos calcanhares duros.

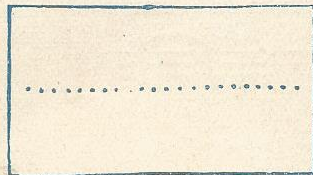
E' muito alto e por isso, quando quer beber agua, tem de escarranchar-se para alcançal-a. Imaginem si tivessemos de nos abaixar dezenove pés para beber agua de um lago? Ainda bem que esse animal raramente sente sede! Já adivinharam qual é?

4.

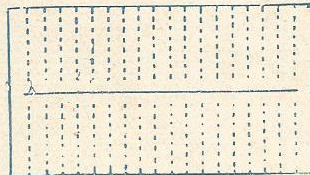
Um Passaro que não é Passaro, ou o Animal que vôa com as mãos.

Voar com as mãos! Isso é o que costumamos fazer nos sonhos, mas ha um pequeno animal que usa as suas mãos como si fossem azas, porque tem uma especie de paraquedas com o qual vôa.

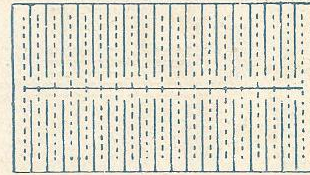
Quando deseja descansar ou resolve dormir, durante o inverno, suspende-se ao galho de alguma arvore com os ganchos que existem nos seus pollegares. Gosta de esvoaçar, quando o sol desaparece, e parece que esmaga o seu pequeno corpo contra as arvores e as casas. Mas isso não acontece, pois apesar de ter olhos pequenos, tem ouvidos grandes e o sentido do tacto bem desenvolvido, de modo que percebe onde está o perigo. E' muito rapido nos seus movimentos aereos. Come os insectos que são nocivos. E' o unico mammifero que vôa como passaro. Que animal será esse?



a



b



c

COMO PASSAR O CORPO ATRAVEZ DE UM CARTÃO POSTAL

Parece impossível, mas não é.

Procurem um cartão postal ou um pedaço de papel do mesmo tamanho.

Façam um corte bem no centro do cartão, deixando um centimetro de cada lado como mostra a figura "a". Depois façam cortes das beiradas do cartão até á distancia de um centimetro do corte central, figura "b". Esses cortes lateraes devem distar um centimetro, um do outro.

Em seguida, fazemos mais cortes lateraes, mas a partir do corte central, até á distancia de um centimetro das beiradas do cartão. Esses cortes ficarão ao lado dos outros cortes lateraes como vêem na figura "c".

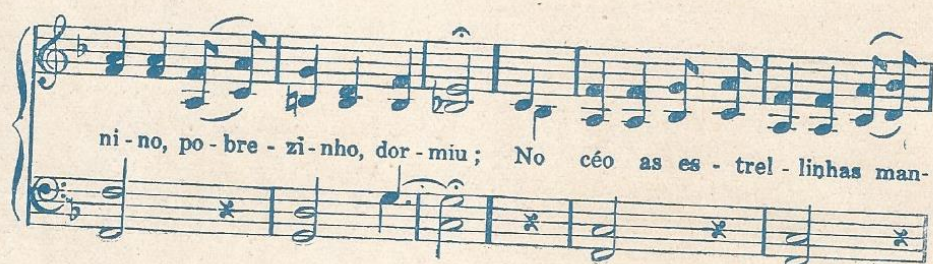
Agora pegamos nas extremidades do cartão e as puxamos, obtendo assim uma longa fita de papel cheia de zigue-zagues.

Devemos dobrar para traz os cantos da fita, e, fazendo isso, obteremos um grande circulo de papel atravez do qual nosso corpo passará facilmente.

INDICE

TITULO	PAG.	TITULO	PAG.
Uma Viagem de Trinta e Trez Annos	242	Um Bichinho Trabalhador	250
O Menino Imperador	243	Nossos Amiguinhos	253
Saudação	243	A Gula, Peccado de Todos Nós	255
Um Jogo de Basket-Ball	244	O Brasil	255
Passarinhos	244	Os Ciganos	256
Uma Recompensa Doce	245	Pedras Preciosas	258
O Morro do Castello na Cidade do Rio de Janeiro	245	Rip Van Winkle	259
Servindo Uns Aos Outros	246	O Surdos Conseguem Ouvir	261
Uma Carta	247	Brinquedos e Jogos	262
O Casamento do Deus do Rio	247	Que Animacs São Estes	262
Pagina dos Leitores	249	Como Passar o Corpo Atravez de um Cartão Postal	263
Joãozinho e Uma Rainha Exquisita	249	O Pequeno Senhor Jesus	264

O PEQUENO SENHOR JESUS



Acharam... a creança deitada na mangedoura

- 2 O gado mugindo, o pequeno accordou.
Mas, meigo e manso, Jesus não chorou.
Eu Te amo, meigo Jesus, olha Tu para mim,
E guarda o meu berço até da vida o fim.
- 3 Bem perto, ó meigo Jesus, eu Te peço ficar,
Sempre, sempre bem perto para me abençoar
E guarda as creancinhas pequeninas como eu,
Para irmos contigo lá no Céu sempre estar.

R. B. S.

DO LIVRO - HYMNOS E CANTICOS JUVENIS

PREÇO: 12\$000

IMPrensa METHODISTA ——— CIDAD DE S. PAULO